



PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

Vitor Zen Morana Tachibana [Zen Tachibana]

(entrevista)

São Paulo, SP

2007

GEEPRACOR-CEFIS-UNIVASF

ESEFID - UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: “A memória das lutas ou o lugar do "DO": as artes marciais e a construção de um caminho oriental para a cultura corporal na cidade de São Paulo” de autoria de Felipe Eduardo Ferreira Marta

Número da entrevista: E-954

Nome do/a entrevistado: Vitor Zen Morana Tachibana [Zen Tachibana]

Local da entrevista: São Paulo, SP

Entrevistador: Felipe Eduardo Ferreira Marta

Data da entrevista: 30/05/2007

Transcrição: Felipe Eduardo Ferreira Marta

Copidesque: Felipe Eduardo Ferreira Marta

Revisão: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa de termos: Christiane Garcia Macedo

Total de gravação: 2 horas.

Páginas Digitadas: 40.

Observações:

* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em história, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O GEEPRACOR realizou algumas alterações de formato.

** Entrevista cedida por Felipe Eduardo Ferreira Marta da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB e da Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC, para divulgação pelo Projeto Garimpendo Memórias em 09 de março de 2021.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: TACHIBANA, Vitor Zen Morana Tachibana [Zen Tachibana]. Entrevista com Vitor Zen Morana Tachibana [Zen Tachibana] concedida por Felipe Eduardo Ferreira Marta ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistador: Felipe Eduardo Ferreira Marta (UESB e UESC). UNIVASF, UFRGS, São Paulo (SP), 30 mai 2007, 43 p.

SUMÁRIO

História do Kendo; Estilos; Competições; Aberturas de academia no Brasil; Artes marciais e esporte; Motivação para escolher o Kendo; Estudos da Cultura Oriental; Família Tachibana; Envolvimento maior com o Kendo; Indicação de pessoas no Kendo; Diferenças culturais entre Japão e Brasil; Diferenças nos treinos no Japão e no Brasil.

São Paulo (SP), **30 de maio de 2007**. Entrevista com Vitor Zen Morana Tachibana [Zen Tachibana] (**Z.T.**) a cargo do pesquisador Felipe Eduardo Ferreira Marta (**F.M.**) para a pesquisa “A memória das lutas ou o lugar do "DO": as artes marciais e a construção de um caminho oriental para a cultura corporal na cidade de São Paulo” de autoria de Felipe Eduardo Ferreira Marta cedida ao Projeto Garimpando Memórias.

Z.T. – Bom dia, meu nome é Vitor Zen Morana Tachibana, tenho 24 anos agora e pratiquei kendo 8.

F.M. – É, Zen conta um pouco da origem do kendo no Japão.

Z.T. – A origem? A origem é uma história bem extensa porque a origem do kendo é totalmente ligada com, com a história do Japão. Então se você pensa em toda a história do Japão, você está estudando a história do kendo praticamente, né. Mas assim, simplificando, o kendo, atual de hoje, ele se originou através dos samurais, né. É, os samurais também era uma coisa da..., vamos dizer assim, mais de..., você tem vários dados que falam sobre a época exata, mas é, quase todos falam que é mais lá atrás, né, começou dessa certa sistema de, de classe, né, tinha samurai..., classe samurai, classe camponesa, teria também a um tipo de rústica também, um tipo de governo, né. Mas assim, estabelecido mesmo, estabelecido mesmo esse negócio de samurai, que aí foi se desenvolvendo as técnicas da espada, é, a partir de 1100-1300 você consegue ver isso claramente, muito claro, né. Os generais foi subindo ao poder, né, que era os Shoguns, né, ele, é, né. E junto com ele tem, tinha a classe samurai, que seria a polícia, assim simplificando também, né.

F.M. – Humrum.

Z.T. – Simplificando.

F.M. – Lendo alguma coisa, é, eles colocavam o samurai como um administrador, né?

Z.T. – Exatamente.

F.M. – Dos exércitos.

Z.T. – Ele administrava, servia como polícia, né. Ele que controlava, é, assim não o resto mas boa parte do que acontecia, né. Eles decidiam o que quê era bom e o que era ruim. Aí o kendo foi subindo junto, né. A classe samurai foi subindo, ascendeu e o estilo, a técnica da espada que já vinha se aprimorando, né, quanto mais, mais forte ficavam os samurais, né, foram obtendo como classe, mas pode ficar assim a..., essa a disseminação da técnica então, foi se criando muitos estilos. [pausa fita – toca campainha] Então, ... a luta, a classe samurai foi ascendendo, o samurai ficava mais forte, é, aí começou, né, como não era um lugar só tiveram um bocado, tinha muita gente então, tinha muitos mestres, então desde o começo da, da, dessa, dessa classe foi se criando os estilos até duas dé... dois, dois séculos atrás que eles tinham, né, os dados falam mais ou menos 300, tem gente que fala 500, mas no geral, assim, que tá mais escrito é 300. 300 tipos de estilos, né, que veio se criando. Então...

F.M. – Os povos, assim relacionados com as famílias? Que você fala. Estilo de que?

Z.T. – É, não só família, não era bem família, né. Tinha muita coisa de família assim, né, que o, que o, o pai que era o... como é que chama o nome? Bom, tudo bem. Ele era um mestre, ele vai passando para os filhos, né. Não necessariamente isso. Aconteceu bastante, mas tinha muitas, tinha muitas vezes que não era o filho que continuava.

F.M. – E essas técnicas, esses estilos eram escritos ou eles eram passados pela tradição oral, pela prática?

Z.T. – O, a técnica tem muita [corte na fita]. A técnica ela era muito assim, muito assim prática e oral. Fala..., é, falava-se muito escutava-se muito e era muita prática, muita prática. Mas muitas, muitas, muitas escolas tinham aqueles..., os seus predomínios, por isso já se conhecia aquele negócio, predomínios secretos existe, existiu, né, e, mas assim, a base é na base do boca a boca.

F.M. – Humrum.

Z.T. – Tanto também pra não chegar um cara e escrever tudo as suas técnicas, né. Por isso que era também era secreto. Escrevia tudo vai lá outro, vai tentar copiar, né, se você consegue copiar tudo bem, muitas vezes vai tentar copiar faz uma coisa ruim e fala que é do esti..., do mesmo estilo, né, era, era muito, era muito, eles pesavam muito assim, era muito importante o estilo deles, né?

F.M. – É.

Z.T. – Quem era a pessoa, donde ela vinha, isso é questão da cultura. Donde ela ta vindo, tipo, tipo bem aquela, veio da escola que ela é, da escola..., que escola que ele é era muito importante. Tanto que quando acontecia um duelo, primeira coisa que se falava era o nome, se apresentava e depois gritava o nome da escola e depois acontecia a luta, por exemplo, mas era sempre assim. Aí, esse estilo veio, veio assim se desenvolvendo, né, tinha muita guerra até mais ou menos 1400, né, mais ou menos nesse século. O Japão era um, era bem conturbado, era muito conturbado, épocas de guerra né. Desenvolveu muito, mas nessa época, desenvolveu muito, muitos estilos porque precisava mesmo, precisava, né. E o kendo atual, assim, onde começou mesmo assim a definir, começou a definir o kendo atual, é o..., a partir do século XIV. Mil quatrocentos e alguma coisa, eu num lembro, tem nos livros também, é só dar uma olhada [risos].

F.M. – Humrum.

Z.T. – É, começou uma Era chamada Tokugawa, Shogun Tokugawa, ele que unificou o país. Criou uma, uma certa tempos de estabilidade que durou mais uns 300 anos. Isso vai até 1884 mais ou menos, 1886 também, tem que ver direito as datas, né. E, nessa época que começou o nosso kendo. Que aconteceu? Os, o, não eram mais necessário, teoricamente não eram mais necessários a, a técnica da espada que é o Kenjustu. Ken é espada, justu é técnica, pra matar. Mas também a classe né...

F.M. – Começou..., é, a gente pode dizer que nessa época a, começaram a surgir leis no Japão que de alguma forma...

Z.T. – Não, mais...

F.M. – ...faziam com que os conflitos fossem feitos de outra forma e não pela espada?

Z.T. – Não, não era bem assim. Existiam ainda, né, mas não precisava. Claro que o Tokugawa Ieassu, Tokugawa Ieassu e seus descendentes, eles tinham certas, né, pra poder organizar o seu país tinha as..., criaram as regras que eram todo no..., mas não tinha uma coisa que era restringido lutar. Isso aconteceu, mas na Era, na Era Meiji, foi proibido participar da luta e essas coisas, né.

F.M. – Humrum.

Z.T. – Bem mais pra frente. Mas nessa época, assim num..., por isso que eu falei, é, assim, na prática, não sei se é na prática ou na teoria, num precisava mais da técnica pra guerrear. Mas continua existindo os samurais. Então começou a virar, pra que que a gente vai usar isso aqui? Então começou a converte, isso foi só o começo, não foi pum pum. Não foi pá pum, né? Começou converter a técnica pra matar de técnica pra viver. Na época que começou a treinar, né, é, treino com Do, treino do espírito, né, da filosofia e do elemento do budismo, do Xintoísmo, né, da prática do Zen, né. Aí começou a desenvolver, né, ... pra, pra se aperfeiçoar, pra você poder..., né, ter..., ser melhor, poder..., proteger os outros.

F.M. – É dessa época que começou a surgir o Bushido também?

Z.T. – Não, o Bushido sempre teve, né. Sempre teve lá, entre os samurais. Mas época no... até o auge, né, ... bem forte, bem forte. Isso é considerado até hoje na cultura japonesa, né. Mas nessa época o Bushido estava lá, né, que era o caminho, né, mas assim, ele..., o Bushido, como caminho, tá super forte nessa época, muito forte. Então, é, é, se praticava o kendo pra... o seu espírito, tinha outras coisas também, não era só o Kendo.

F.M. – O nome kendo já surge nessa época, ou não?

Z.T. – Não, nome kendo é de 1800 pra cá.

F.M. – Hum.

Z.T. – 1800 pra cá. Porque até 1800, até a Era Meiji tinha outros estilos, aí existia todos os estilos, né, mas se falava assim, no geral, no final do..., desse século é que vai os mestres que tinham mais..., é sempre assim, né, quem tem mais poder, os mais influentes é, que tavam..., né, tinha..., era milhares, eu não lembro ao certo se já tinha mistu... missões que eles pertenciam, né, mas esses mais fortes, que eram mais influentes unificaram...

F.M. – Cada estilo?

Z.T. – Os estilos, pegaram...

F.M. – Século XIX?

Z.T. – Isso é século XIX, né. Século XIX. Aí, né, já tinha já o, o, porque o kendo mesmo, escrito é mil novecentos e pouco, dez, vinte, né. Que todo mundo começou a usar.

F.M. – Já é uma coisa mais moderna?

Z.T. – Mais moderna. Que cê fala..., as pessoas escrevem faço kendo, né. Antes tinham vários sobrenomes. Mas eu a estrutura...

F.M. – Não era kenjutsu mas também não era kendo? Era de acordo com o estilo que a pessoa praticava?

Z.T. – Não, kenjutsu, teoricamente kenjutsu é até hoje.

F.M. – Humrum.

Z.T. – Teoricamente porque se você for falar em japonês, né, kenjutsu é técnica com espada. Aí, aí se pratica uma técnica com espada, né. Mas é, não é só isso, né.

F.M. – Humrum.

Z.T. – Kenjutsu... a gente tem o..., a técnica da espada mas num é isso que, que a gente faz. A gente num tá muito preocupado em..., não é a primeira prioridade em ser bom em técnica, né.

F.M. – Acho que, é, só, só pra esclarecer um pouco, a técnica da espada sendo utilizada não para matar, sem a..., sem ter essa utilidade de matar...

Z.T. – Hum.

F.M. – ...mas tem..., sendo utilizado como treino, não pra uma coisa prática, mas pro autoconhecimento...

Z.T. – Exatamente.

F.M. – ...crescer enquanto pessoa, alguma coisa do tipo...

Z.T. – É.

F.M. – ...manutenção da cultura, tradição.

Z.T. – Exatamente. Tudo isso que eu to falando, não tá escrito direitinho até o século XX...

F.M. – Humrum.

Z.T. – ...né, num tá escrito mesmo, assim, se você for ler, né, inclusive tem os..., né, que eles consideram os mais samurais [risos] ... que é Miyamoto Musashi, ele começou. Então nessa épo..., ele é importante porque então essa época era de tradição. Tradição não, de transição, né.

F.M. – Humrum.

Z.T. – De guerra pra paz, então ele começou, começou assim totalmente violento, começou matando, né, no final da vida, depois que ele tinha, né, foi vitorioso, vitoriosos em todas as

batalhas deles, né, no final da vida o que acontece? Ele num usava nem mais espada de, de aço, na, na, na, né, nas últimas batalhas ele só usava espada de madeira porque ele não queria matar. No final ele, né, nem praticava assim, ele se recusava a, a entrar no combate. Porque existia ainda, ...existia né. Tem três pessoas, é um ou outro estilo, né, ele recusava. Ele se recolheu, né, pra poder alcançar uma coisa espiritual maior, tanto que ele escreveu um livro, o livro dos cinco..., o pessoal fala Cinco Anéis aqui, mas na verdade é Cinco..., não é anéis, é que anéis ficou modinha na época e botaram anéis. Ele escreveu Cinco..., num é mandamento também, esqueci o nome certo agora chama “Gorin-no-sho”. É, é... bom são cinco tipos de..., né, que ele separa como fogo, água, vento...

F.M. – Seria elementos?

Z.T. – Elementos. Pode ser elementos também. Não é..., é difícil porque tem palavras em japonês que não tem...

F.M. – Não tem uma tradução correta.

Z.T. – É. Correta, não, mas...

F.M. – Precisa, né?

Z.T. – Precisa. Mas elementos é legal. Então, é, voltando né. Ele recolheu pra, ele mesmo fala disso né, não tem uma coisa é..., não, não que ele fala desse negócio espiritual, mas num tinha..., num tá escrito, né. O que aconteceu é que quando criou-se agora, em 1970, a, a Federação Japonesa de Kendo e a Federação Internacional de Kendo...

F.M. – Isso foi em 1970, década de 1970?

Z.T. – É, década de 1970. 70, 71 e 72, né?

F.M. – Humrum.

Z.T. – Começou, foi criado, é que escreveu o conselho do kendo, né. Assim, tá escrito no papel.

F.M. – Desde, desde o século XIX já, já havia o processo de unificação dos estilos...

Z.T. – Já havia.

F.M. – ...e a, a, não a palavra kendo, mas a idéia do kendo já, já tava se construindo né?

Z.T. – Já tava se construindo.

F.M. – Então propriamente a palavra, ela...

Z.T. – Mas, mas a idéia do kendo em mil novecentos tava construída já.

F.M. – Humrum.

Z.T. – Né. Palavra mesmo, só pegou em 1900. E eles assim refinaram 1900 até, até 70. Antes da guerra tinha o Kata, que é a simulação, até era bem diferente do que é agora, mas deram uma refi..., de 1900 até mais ou menos 1978, deram uma refinada, estabeleceram uma, um padrão assim, pra todo mundo fazer, assim, a mesma coisa, né.

F.M. – E, e aí, é, já em 1900 já pode ser pensado como esporte, ou não? Isso é mais em 1970...

Z.T. – Não.

F.M. – ...que a idéia de esporte já entra, entra...

Z.T. – Não entra como..., não dá pra se considerar esporte ainda. Esporte ainda não acompanha até hoje, assim. É que é assim, né, começou 1970, né, já tinham antes, mas criaram o Campeonato Mundial, né, e teoricamente você vai ver uma competição assim..., tem gente que se considera esporte, tem gente que não [risos].

F.M. – É porque..., é, é, é até compreensível que se considere esporte, que seja compre..., compreendido como esporte pelas pessoas, pelo fato da organização em forma de Federação, né, criação de campeonatos, indicação de técnicas, indicação da..., das..., da vestimenta, dos materiais necessários pra prática. Isso é próprio do esporte né? Isso é uma idéia de esporte. Talvez aí o...

Z.T. – Aí é uma coisa que tá, que não tá escrito..., não tá muito escrito em livros, mas, é o que eu acho também é, vendo tudo isso aí, que é aquele negócio né, o mundo ocidental entrando no mundo oriental, né. O mundo ocidental é..., não precisa nem falar né, que entrou mesmo em todos os lugares...

F.M. – Humrum.

Z.T. – Predomino. Tá predominan..., tá predominando até agora né. Então assim, é, é uma cultura que se tá, tá se adaptando ao, o es..., a organização do mundo como é o mundo inteiro. Não só o lado oriental. Eles podiam continuar na deles lá, mas...

F.M. – Até a idéia de esporte moderno, assim, salve bem é da década..., é do século XIX...

Z.T. – É.

F.M. – ...e até ao século..., essa, essa questão de criação de Federações...

Z.T. – É, exatamente.

F.M. – ... criação de ideias. A gente sabe que o Japão começa a viver uma ocidentalização grande a partir do século XIX também...

Z.T. – Exatamente.

F.M. – E, e, e isso se intensifica com o final da Segunda Guerra.

Z.T. – Humrum. Foi na mesma..., foi tudo nessa época aí, foi tudo, né... aconteceu tudo junto também, né. Não tá separado da história. Então, é mais por causa disso, mas assim, eu acho que assim tem pais que costu..., que considera esporte? Considera, aí, então tem até crítica... até. Dentro da Coréia, que é um país super forte em kendo, tá muito perto do Japão também, né? Eles também são considerados hoje o segundo melhor. Inclusive ganharam o último mundial, né. Não foi sobre o Japão, mas foi sobre os estados Unidos, mas assim, dentro da Coréia existe o kendo. Eles falam de kendo mesmo tando na Coréia eles chamam de kendo, e tem o kundo que é a palavra..., mesma, mesma coisa só que é em coreano. Eles tentam criar né, só que eles, eles [entrou gente na sala], eles só se concentram na competição. Então, já tentaram mudar aquele sistema de pontuação eletrônico, né, que nem o, o, que nem o... ô loco, como chamava? Ah, a outra, a outra luta lá?

F.M. – Taekondo?

Z.T. – Não, não, não, não.

F.M. – Luta coreana você fala?

Z.T. – Não, não de espada também daqui do ocidente da, da...

F.M. – Esgrima?

Z.T. – Esgrima [risos]. É, esgrima, esgrima. Européia. Tentaram fazer alguma coisa assim, né, mas aí que entrou o movimento, né, dentro da Coréia pelos dois lados. O Kendo, né, atletas e professor consideram assim ponto não é só por acertar. Esse método você acertar, né, se encostou...

F.M. – Então é bem próximo do taekondo. O taekondo é assim hoje, ele..., o ponto vale em função de acertar, não tem a necessidade de derrubar o oponente...

Z.T. – É.

F.M. – ...e tal.

Z.T. – Só que o, o, no kendo também tem a... espada né. Nesse, nesse método você pode encostar de qualquer jeito que você ganhou ponto. Só que na verdade, na realidade não seria assim porque a espada do samurai, ela só tem corte só de um lado. Não adianta nada você, né...

F.M. – Hum.

Z.T. – ...pegar com a lateral que não vai fazer nada. Vai dar uma pancadinha só. Inclusive, a espada é tão assim, é boa mas tem seus, seus lados é tão..., elas, não sei, ela foi considerada até a espada mais..., uma das melhores espadas em relação a todas as espadas feitas até agora.

F.M. – Humrum.

Z.T. – Você acertar com o lado que corta, se você sabe aplicar direitinho, ela pode ser a melhor espada, né, o pessoal até criou uma, um ranking aí, uma coisa que fizeram...

F.M. – Hum.

Z.T. – ...agora, se você pega com a lateral, faz a mesma coisa, você parte ela no meio praticamente. Ela se tor..., ela se...

F.M. – Ela é frágil, né?

Z.T. – Frágil.

F.M. – Frágil se mal utilizada?

Z.T. – Mal utilizada, ela é frágil. Tem o... também, né, não é só isso, mas você faz..., o quesito é só encostar, você encosta com a lateral você ganha um ponto. Mas na verdade

realmente você vai, você volta... não é isso. Não é isso. Tem, todo lado também de, né, cortar. Se você só encosta, você...

F.M. – Quer dizer, isso que você está dizendo, a gente percebe o seguinte, é..., você tem uma importância grande sendo depositada na técnica.

Z.T. – É.

F.M. – É importante que o golpe seja bem aplicado...

Z.T. – É.

F.M. – ...mais importante do que até o, a, o que a pessoa vença a competição e que ela aplique bem o golpe, porque... e aí a gente pensa assim, a competição é um momento da pessoa não ga..., é claro, ela quer competir, ela quer ganhar, mas o mais importante ali é ela se avaliar no seu processo de aprendizagem.

Z.T. – Exatamente, é.

F.M. – E ao passo que na medida que você transporta isso aí pra questão do esporte, a questão do esporte coloca planos...

Z.T. – Então é como o...

F.M. – ...como ponto final assim.

Z.T. – Não. Isso que você falou é o que, né, você falou hoje, né, campeonato... um campeonato, ou uma luta que a gente chama de Ticiái, eu entro pra ganhar do oponente, mas pra ganhar de você, né, de se superar, então ganhando ou não, se você se deu o máximo, conseguiu extrair aquilo que você não conseguiu extrair na última vez e aplicar um golpe correto, tudo bem. É isso que..., é isso que vai importar, né. E o que a gente... o que falam que a gente fala é que é assim: querendo ou não, assim, se você trei..., né, vai treinar, continuar o treinando é, condicionamento, treinamento contínuo, mas se aplicar-se

e ter consciência que você quer se desenvolver tanto na técnica como no espírito, né, o resultado do campeonato, ele aparece. Simples. Ele é assim consequência só.

F.M. – Ele é uma consequência do, do...

Z.T. – É só uma consequência.

F.M. – ...do seu aprimoramento.

Z.T. – É. Isso é uma consequência. É muito..., se você for, se você for nas escolas de kendo daqui, você vai ver que esse tal aluno ganhando o campeonato, chama ele na frente, até pode chamar ele não para parabéns pelo primeiro lugar. Não é bem assim, parabéns pelo seu treino, né.

F.M. – Em geral, em geral é..., você que tá sempre disputando os campeonatos, aqueles alunos que normalmente ganham são aqueles alunos que são os mais aplicados no treino, são os alunos que estão sempre lá na academia, que tem uma boa técnica?

Z.T. – Depois de uma certa categoria é só isso. É só, assim, é muito engraçado até, porque assim, quando eu treinei com uma pessoa que só tá em cima da técnica do kendo, né. Só vai em cima da técnica, ela fica boa.

F.M. – Humrum.

Z.T. – Ela fica boa. Fica boa mesmo, mas assim, é, é complicado porque você vê que ela fica boa, mas chega na hora que pega um cara que é bom em técnica também só que num tá preocupado assim com técnica, você vê uma diferença entre os dois e normalmente quem tem a técnica também e também se preocupa como outro lado acaba ganhando.

F.M. – Qual é esse outro lado que você está falando?

Z.T. – De tar..., assim, não só preocupado com a técnica, tá treinando lá sempre firme pra..., não pra ganhar, pra ele.

F.M. – Hum.

Z.T. – Acaba, acaba aparecendo isso daí. É muito, é muito engraçado, é muito engraçado. Tanto que, assim, a Coréia ganhou esse ano, por exemplo, ganhou ano passado no mundial porque realmente, assim, o pessoal que começou a sair pro mundial é o pessoal que come..., que tá valorizando o kendo. Até agora, na Coréia no mês passado, era o pessoal que vinha pra ganhar. Num dava outra, né. Chegava lá com o Japão, pá, caia. Os caras eram muito bom, muito bom em técnica, muito bom em técnica e os cara via né, é meio complicado mas, é, você vê uma certa diferença. Aqui no Brasil você, você consegue ver mais ainda, né, porque aqui não é profissional ainda. Lá é profissional, então assim...

F.M. – No Japão e na Coréia é profissional?

Z.T. – É profissional. No Japão é profissional, Coréia também é profissional. Não, não posso dizer que no mesmo nível do Japão...

F.M. – Sim.

Z.T. – Né, mas já dá um...

F.M. – Tem um certo grau de profissionalismo?

Z.T. – Tem um certo grau de profissionalismo. Agora, o cara concentra antes, assim nesse, nesse quesito profissional, assim, você consegue ver..., é difícil ver, né. O cara que treina passe, então ele vai ficar bom pra caramba. Japão também, eles treinam técnica, técnica, técnica. Eles treinam muito técnica mas tudo junto, depois da, da filosofia.

F.M. – Tem que ter então, apesar da técnica, apesar de ser... tem um profissionalismo não adianta esse profissionalismo, essa dedicação sem entender um pouco das tradições, sem entender um pouco da, da cultura japonesa, do significado do kendo e todo esse processo?

Z.T. – É. Porque assim, é meio..., porque pra quem tá fora é meio difícil de explicar, mas o kendo é assim, inclusive pelos... Isso é querosene, você sentiu [risos]. Não gosto, odeio. Assim, você faz uma luta, quê que é..., quê que você precisa em uma luta? Uma luta digna [acabou a fita]. Aí, é assim, né, o sujeito tá ali, porque você consegue ver a diferença? Essa diferença que você falou. Num luta, durante uma luta o que se preza não é o..., no kendo né, é você, né, mesmo quando era..., não era só cortar o cara, né, mais a dignidade. Então...

F.M. – Questão de honra.

Z.T. – É. Na luta de hoje, né, na luta de kendo, a luta..., você faz uma luta, né, assim, tem que ter postura, né, não só postura física né, postura física vem da sua postura, é, é, como é que é? Dá sua postura [risos].

F.M. – Bom, a sua técnica também tem que estar acompanhada de um certo, é, respeito

Z.T. – Respeito, isso. Então tudo isso, tudo isso reflete, né, é... aquela coisa que a gente, é, que é muito importante, né, é um postura pra vida, né, que você, é, você aceita o que está fazendo, você, é tenta fazer uma coisa melhor, pega aquilo e vai adiante, né, não desiste, né. Pode ser que você faça vários erros, mas você continua fazendo, então é uma postura correta, é a história da postura retinha [risos].

F.M. – Humrum.

Z.T. – Retinha não de..., não no estilo quadrado, tipo ser quadrado, né, mas seguir uma linha, né, assim que você tem um caminho, você vai seguir seu caminho sem se desviar dele, né.

F.M. – Humrum. Então essa ques..., você falou da questão do profissionalismo no Japão e tal, aqui no Brasil a gente tava conversando, você dizia não, não é profissão...

Z.T. – Não é.

F.M. – Não existem pessoas que vivam do kendo. A não ser alguns casos de pessoas que tenham academia e cobram mensalidade, né...

Z.T. – Hum.

F.M. – ...mas que não chegam a ser um profissionalismo. Você, você acredita que assim é..., esse, esse papel do profissionalismo em outras artes marciais tem levado a um processo de esportivização dessas artes marciais o que você tem aí deixado um pouco de lado algumas técnicas, né, que, que são menos eficazes em momento de competição pra, para o treinamento de técnicas que são eficientes no momento de competição. Então, assim, você tem arte marcial com 110% e, a partir do momento que existe esse caminho rumo ao profissionalismo e essa valorização da competição, valorização da questão da arte marcial como esporte, nesse 100% começa a se..., começa a ser treinado apenas 10% daquilo que seria arte marcial, esses 10% são as técnicas que são eficazes numa luta, né. É, o kendo tem..., ta certo alguma coisa nesse sentido ou...

Z.T. – Vem, vem passando. Vem passando né, então é complicadíssimo que, por isso que, por isso não, mas assim, os cabeças agora, né, os professores, os diretores, os presidentes e agora todos os..., o pessoal que tá lutando, é, ta muito preocupado com isso, e ta até com uma certa, é, não bloqueio mas...

F.M. – Hum.

Z.T. – ...não tá com muita pressa em expandir, né. Isso, porque a gente sabe, eles sabem, a gente sabe, eles mesmo falaram sabe pra gente, a gente também... o kendo veio agora pro Brasil não tem jeito né, que tem pouca gente também, né, tá crescendo mas...

F.M. – O brasileiro, o brasileiro que não tem nenhuma descendência, é, oriental tem mais dificuldade em aprender certos pontos da cultura...

Z.T. – Tem. Isso é complicado.

F.M. – ...não é que..., é que leva mais tempo.

Z.T. – É, isso que eu ia falar. Então, tá com uma certa dificuldade, eles não querem abrir, né, já teve concurso para entrar no Panamericano, Olimpíadas, mas eles querem, eles viram, né, a gente viu, eles viram o que aconteceu com as outras artes marciais...

F.M. – Humrum.

Z.T. – ... e não querem ir para o mesmo caminho, né. E o kendo você pode dizer que pelo menos no Japão, né, o pessoal, muita gente fala que lá é a última barreira [risos]. Se cair o kendo disso aí, né, o kendo é..., o espírito que veio do kendo é o espírito, é espírito japonês praticamente, se cair isso aí, vai cair o espírito japonês também.

F.M. – Aí não vai ter mais nada de oriental no Japão?

Z.T. – É, nada de japonês no Japão, é complicado, se quebrar o kendo, se quebrar esse tipo de..., é mesma coisa que quebrar o pensamento japonês, né. Então esse negócio, essa coisa de, de vergonha que tem, né, é só se matar porque..., o suicídio..., porque, né, pra poder evitar o nome da família... vem tudo disso, é do, da história do ken..., dos samurais, de perto do Cristo isso daí.

F.M. – Né, então, hoje existe muito assassinato de jovens que não consegue entrar numa Faculdade...

Z.T. – Exato, tudo por isso. Um cara que..., tem uma..., né, pai herdou, pai, família tem a dívida numa empresa..., aconteceu isso. Tio do meu pai, lá no Japão, herdou tudo essa dívida. Não tinha como pagar. Pra limpar tudo isso, ele se matou. E acabou com as dívidas, né. Porque governo japonês tem isso aí. Acabou com a dívida em nome da família ele fez isso daí. Inclusive minha tia tava morando lá ainda. Isso faz 15 anos atrás.

F.M. – Então o governo perdoa a dívida da pessoa que se mata?

Z.T. – Foi perdoado, né, foi perdoado. Complicado né [risos].

F.M. – Porque no Brasil isso passaria para a esposa.

Z.T. – Passaria para esposa né. Cê vê que é assim, não é só apenas de luta e competição. Tá na cultura também. Não é só mito, o respeito tá..., é em primeiro lugar. Não é só porque você vai ganhar mais dinheiro que... tem isso na cultura, apesar de ter tudo esse negócio de lucro, essas coisas, não tem jeito. Quem é mais forte sempre vai... Então, aí, né, o que acontece, do profissionalismo, né...

F.M. – Humrum.

Z.T. – É, aqueles que lutam até agora, é, profissionalismo..., ah, não só de profissionalismo, de abrir também né.

F.M. – De abrir muito, mestre quer segurar um pouco, não tão com pressa.

Z.T. – Não tão com pressa, querem segurar. Aqui no Brasil é igual. Vai abrir, vai, mas a gente vai tentar, não tentar segurar e, do jeito que tá havendo um posicionamento, você falou que os brasileiros demoram pra entender...

F.M. – Humrum

Z.T. – Mas a gente num, né..., a gente tem visto, tem escrito isso, tem escrito na... que as pessoas né, por quê que entra? Eles vem atrás da cultura, da filosofia.

F.M. – É, porque você..., porque também se você for pegar todas as artes marciais, poucas são as que ainda trazem a questão da cultura em primeiro lugar...

Z.T. – É.

F.M. – ...pensando a arte marcial como um elemento de uma cultura oriental e a aí a pessoa vai atrás daquilo.

Z.T. – É.

F.M. – Né? Se você for procurar o judô hoje, você vai ter um esporte. Se você for procurar um taekondo hoje...

Z.T. – Você vai ter um esporte.

F.M. – ...você vai ter um esporte. Se você for procurar um karatê hoje, você vai ter um esporte. Existem elementos culturais, tradicionais dessas artes marciais hoje esporte? Existem, mas não são mais talvez na intensidade, na profundidade, né, como existem em outras né. Se você praticar por exemplo algum estilo de kung fu por um imigrante Chinês...

Z.T. – É.

F.M. – ...que preserva as tradições.

Z.T. – As tradições.

F.M. – É uma cultura, é tipo..., é um elemento cultural. Kendo é da mesma forma.

Z.T. – E, e eu acho que é assim, né, não é a toa que você vê desse jeito e não vai ser assim, não vai, não vai ser fácil e vai caber a gente, que eu faço parte também já de uma, da diretoria da Federação Paulista, eu sou o mais novo...

F.M. – Humrum.

Z.T. – ...porque eu quis [risos]. É verdade. Tem aquele negócio, se você não faz quem vai fazer?

F.M. – Hum.

Z.T. – ... é a mesma coisa. Os velhos dirigentes que estão lá ainda, os mais, os mais é, experientes, eles estão lá, começando com esse trabalho e a nova diretoria, não digo eu, mas tem gente lá que..., eu tenho 24, mas o pessoal é 30, 40, né, pra caber a gente aí

continuar isso daí. Na verdade vai ser uma missão, né, tentar abrir, crescer. E pra crescer e se..., entrar no mundo mesmo, abrir pro mundo sem se desvalorizar. Essa é uma meta que tá, não tá exatamente escrita lá no método e estratégia do ano...

F.M. – Humrum.

Z.T. – ...né, nos planos pra 2009, pra 2008, né. “Palardes” é um espírito que todo mundo sabe que tem e todo ano é reforçado, isso.

F.M. – Hum.

Z.T. – Entre todo mundo, né.

F.M. – Então, você começou a falar de você, é, por quê... , então, então vamos começar...

Z.T. – risos

F.M. – Por quê você escolheu o kendo com tantas outras...?

Z.T. – Na verdade, não porque eu escolhi, né. Eu comecei com 8 anos...

F.M. – Hum.

Z.T. – ...e com 6 e 8 anos...

F.M. – Que, que é a idade que o pessoal diz que é o momento ideal pra se iniciar.

Z.T. – É, na arte marcial, né? Eu vivi no Japão dos 6 aos 8, minha família foi pra lá, meu pai trabalhava e, dava aula, foi dar aula numa empresa, foi trabalhar também, morou lá, né. Também, né, a tradição, é tradição, é meio que tradição de família também né, os dois eram japoneses e o kendo, meu vô fazia, meus tios faziam, meu sensei que é o meu tio avô, meu primo, meu tio, que era primo do meu pai eles também são mestres, são senseis. Então tá tudo ligado já e o kendo realmente... e minha mãe e meu pai, eles não queriam que eu

fizesse um esporte só por fazer, né, não esporte, uma luta, mas eles falavam mesmo que não queriam que fizesse um esporte só por fazer, só treinar, só suar, né.

F.M. – Hum.

Z.T. – Gostavam... exatamente a mesma coisa, foi, fui pro kendo porque não era só isso, só pra suar, só pra ficar bom.

F.M. – Pra você foi tão importante quanto aprender a cultura japonesa?

Z.T. – Exatamente. É. Eu analisando, saindo um pouco..., eu assim, eu me analisando...

F.M. – Humrum.

Z.T. – ...eu não tinha percebido isso, mas ultimamente que agora a gente vai estudando as coisas, vai estudando, né, a cultura japonesa, a cultura chinesa, a cultura aqui do Brasil, a cultura ocidental, eu..., deu um clique assim uns tempos atrás que o jeito que eu penso se deve muito, muito ao kendo.

F.M. – Humrum.

Z.T. – Que é o jeito de pensar, mas oriental assim. Deu um clique, putz, tai, né. Muitas vezes eu tava aqui no, no, no, não 100% mas era meio a meio. Aqui no Brasil, escola, eu via que eu, né, tinha um..., eu pensava um pouco diferente...

F.M. – Hum.

Z.T. – ...pensava até, putz, porque [risos] eu penso diferente né?

F.M. – Hum.

Z.T. – Aí, agora que a gente cresce a gente percebe né.

F.M. – Humrum.

Z.T. – Não que eu era diferente, mas..., que eu era diferente no mundo, eu era só diferente dentro do grupo. Tem outro grupo que pensa igual também [risos].

F.M. – Humrum.

Z.T. – Entendeu? Mas aí em certas coisas, muitas coisas eu pensava igual porque eu tenho um membro dos dois, né.

F.M. – Hum.

Z.T. – Era dos dois, tanto é que eu consigo..., dá pra ter uma noção..., dá pra entender os dois lados. É super legal isso.

F.M. – Hum.

Z.T. – Porque acontece com as..., como eu já conversei com os, os mais antigos de um lado e os mais antigos do outro, mais velhos que eu. Eles não conseguem se entender de jeito nenhum [risos].

F.M. – É, um exemplo foi na hora que eu pedi a entrevista lá, né.

Z.T. – É.

F.M. – Você entendeu na hora...

Z.T. – É.

F.M. – Mas o, o, com toda, com toda a boa vontade, com toda a intenção de ajudar, mas eu não consegui me fazer claro o suficiente pra que o, o, o sensei lá, ele entendesse o que eu queria. Então é um pouco de..., eu acho que talvez seja um pouco disso, né?

Z.T. – É. Isso aí foi, né, voltando, fui pro kendo que não era só, só fazer atividade física, né. Minha família também é..., é uma minha família... a história da minha família Tachibama é super tradicional, é...

F.M. – É Tatibama?

Z.T. – Tachibama. Escreve com C H I...

F.M. – Hum.

Z.T. – ...mas se fala Tatibama, Tatibama. A família Tatibana tem mais ou menos 1300 anos, acho que pra trás, mais ou menos 1300 anos, é uma das 5 famílias que se reuniam, assim nesses 700, 8000 que serviam a, a casa do imperador. Primeiro que começou a família, ele era o terceiro filho do, do imperador... de 1300 anos atrás, Quando Uda virou imperador, eles caíram fora [risos].

F.M. – Hum.

Z.T. – Era bem assim.

F.M. – Ah, entendi.

Z.T. – Tão era..., tem muita tradição, tem sangue, né, todos os braços da família que veio, porque família antiga...

F.M. – Humrum.

Z.T. – ...não tem jeito né, tinha um braço que era..., não era assim antes, mas depois virou..., que virou só comerciante, tinha um braço que é, que era só samurai...

F.M. – Hum.

Z.T. – ...né, então tudo isso aí. Então já deu dentro. Veio, meu avô fazia, meus tios faziam, meu, meu, família do meu tio, irmão da minha avó veio fazendo sempre...

F.M. – Humrum.

Z.T. – ...né, então eu tinha toda essa história aí, né. Meu pai teve os seus filhos e queria fazer alguma coisa, queria fazer com algum sentido, aí me botou. Aí eu vim continuando [risos]. Quando você é pequeno, você não pensa muito, né, pra trás...

F.M. – Mas de certa forma, é uma forma de você se integrar mais a cultura dos seus, dos seus avós, seus antepassados.

Z.T. – Tentou passar alguma coisa, eu não vim fazer o kendo por fazer assim. Até a adolescência você não pensa muito porque você ta fazendo, né, é meio legal isso. Então esses anos eu não pensava muito porque eu tava fazendo, eu gostava e fazia. Aí eu machuquei. Eu machuquei fora, fora do treino aqui na mão [sinalizou o lugar], bati a mão no, num lugar, aí me acertaram bem no lugar num campeonato assim...

F.M. – Humrum.

Z.T. – Fiquei 11 meses fora. Até os 17. Aí foi quando eu pensei: “Vou continuar ou não vou”? Aí eu..., aí foi exatamente a época que eu comecei a estudar kendo. Eu trabalhava em outra coisa já, eu tava trabalhando com fotografia e trabalho até hoje, né. “Que que eu vou..., vou continuar kendo”? Fiquei 11 meses lá, aí que eu resolvi continuar de vez mesmo. Antes, antes disso...

F.M. – Aí que teve..., que passou a ter uma seriedade maior?

Z.T. – Muito maior. Regularmente. Eu fazia treino 3 vezes por semana. A partir dos 17, 18 eu comecei a ser praticamente todo dia. Porque você vai fazer uma coisa que gosta, não tem porque você fazer uma vez por semana ou 2, 3 por semana.

F.M. – Porque deixou de ser... não era um exercício, era...

Z.T. – É.

F.M. – ...era parte de sua vida, né.

Z.T. – É parte de minha vida, então não tem sentido eu, né. Eu tava falando do..., mas é isso que é legal, que eu gosto, né, quero, quero, né, dar continuidade. Aí comecei a estudar, né, o kendo por conta própria. A história..., né, da parte aqui, vamos dizer brasileira, treina a Educação Física dá umas enfocadas nisso também. Fica muito legal porque é coisa que você vê nos ensinamentos orientais que você consegue aplicar numa pesquisa que vai te dar uma coisa, consegue, consegue explicar uma determinada, determinado fenômeno que o pessoal já falava, mas só não tava explicado cientificamente...

F.M. – Humrum.

Z.T. – ...que significa várias coisas... e eu acho que já nem sei se já estou mais dentro da questão mas eu acho, achei muito legal porque de certo modo eu quero continuar o kendo como é. Da... tem a parte oriental e tem a parte ocidental.

F.M. – Hum.

Z.T. – E eu acho que vai precisar acontecer daqui pra frente se o kendo quiser crescer, quiser continuar com a sua integridade, vai precisar ter as, juntar os dois lados, né. Que é a cultura da ciência com a cultura dos ensinamentos [risos]. Se você conseguir conciliar os dois, né, mais pra frente..., vai precisar de conseguir, vai dar certo.

F.M. – É..., assim, você não é propriamente japonês, tem a sua descendência, você nasceu no Brasil...

Z.T. – É.

F.M. – ...na sua família também tem alguma miscigenação? Outros povos ou é só japonês?

Z.T. – Japonês. Japonês, ah, e meu irmão, aí é..., meu irmão é italiano ou espanhol. [risos]

F.M. – ...do lado do pai ou do lado da mãe?

Z.T. – É, minha mãe nasceu aqui, metade espanhol, metade italiana. E meu pai japonês...

F.M. – Ah, tá.

Z.T. – É bem assim.

F.M. – A sua mãe não é, não é japonesa.

Z.T. – Não é, não é.

F.M. – E, mas pro japonês, aquele que, que, que manteve casamento consangüíneo que a gente chama, né, que é casar dentro da colônia, com uma pessoa da colônia, é, o kendo acaba sendo uma forma de manutenção de tradição, de cultura, ou, ou, ou entra naquilo que, que a gente vê em outras, em outras artes marciais da pessoa procurando uma forma de lazer uma forma de atividade física?

Z.T. – O que a gente vê hoje, eu posso dizer isso, eu vou falar porque a gente sabe né, tá escrito também...

F.M. – Humrum.

Z.T. – ...se você for estudar vai aparecer, porque a gente..., eu não tirei do nada, eu escutei de outros, né, tipos de historiadores, né, que estudam. Mas assim, a comunidade japonesa, vamos dizer né, não um lapso, mas teve umas gerações, duas ou..., duas gerações que não teve nada, não teve esse negócio de continuidade.

F.M. – Aqui no Brasil, você fala?

Z.T. – Aqui no Brasil, depois da segunda guerra.

F.M. – Hum.

Z.T. – Então, o que se vê acontecendo é que o pessoal de 70, 60, 50 anos que valorizam. Os meus pais por exemplo.

F.M. – Humrum. Tão nessa geração?

Z.T. – É.

F.M. – De hoje tão com 50, 60 anos?

Z.T. – 60 anos. Depois de 40, 30, aparece que não tem. 40, 30. E agora tá aparecendo os de 20, os próximos, estão querendo resgatar. Que eu faço parte dela [risos].

F.M. – Ah.

Z.T. – Provavelmente eu faço parte dela. Então você vê muita coisa assim dos..., do meu pai, tem sete irmãos. Ele e o mais velho, estão lá, né. Os filhos mais velhos do meu, do meu...

F.M. – Do seu avô?

Z.T. – Do meu tio mais velho, irmão do meu pai, fizeram kendo também, estão preocupados também, fizeram já aulas de japonês. Não fizeram japonês por causa do meu pai, eles..., meu pai trabalha com os outros 5 irmãos, inclusive eles. Eles sabem japonês, todos irmão sabem porque minha avó quis. Mas tirando eu, minha irmã e mais os outros dois mais velhos, ninguém, praticamente. Começaram kendo mais pararam, mas os pais não se preocuparam. Foi a época que não se preocupou, teve esse lapso aí da cultura aqui no Brasil. Todos filhos não sabem japonês. Eu, por exemplo, eu por ser mestiço, eu soube ser mais japonês na família inteira do que meus pais e meus avós.

F.M. – Né,...

Z.T. – Aí começou. Teve uma prima minha, os mais novos que estão começando a estudar de novo. Né, os pequinininhos, os priminhos tão começando a estudar de novo.

F.M. – Você diz que você é japonês?

Z.T. – Não [risos].

F.M. – Por que isso, pode até parecer uma pergunta tola, mas é, algumas, algumas pessoas, alguns usam a, a seguinte afirmação quando perguntam o que você é: ah, eu sou..., ah eu sou brasileiro. Não tem sentido, mesmo que a minha... tenha alguma ascendência européia, alguma coisa assim. Não tem sentido eu dizer, que eu sou ah, sei lá, brasileiro e português. Mas algumas pessoas acham comum, acham correto dizer que não, não são simplesmente brasileiros, são brasileiros e, ao mesmo tempo japoneses ou brasileiros e ao mesmo tempo coreano ou chinês e por aí vai.

Z.T. – Não, eu não me considero não.

F.M. – Você só se considera brasileiro?

Z.T. – Brasileiro, bem brasileiro [risos]. Não, é aí que tá a questão. Por lei eu sou brasileiro...

F.M. – Humrum.

Z.T. – Podia até ser japonês também. Que eu já morei lá, mas assim...

F.M. – Você nasceu..., você nasceu aqui? Foi pra lá muito novo?

Z.T. – Não, fui lá com 6 até 8, depois tinha um negócio por ser menor de idade...

F.M. – Você ficou 2 anos?

Z.T. – ... passaporte. É. Mas é..., o que eu pensei mesmo que é o..., inclusive eu não sou..., eu sou um...

F.M. – Nunca tinha pensando nisso?

Z.T. – Não, pensei bastante. Está dentro do mundo.

F.M. – Humrum. Mas você se considera assim...

Z.T. – Eu num, eu num, eu num, tipo, eu num me considero, né... Brasil, né, tipo Brasil é minha, a minha paixão né..., a minha paixão é o mundo inteiro [risos]. As pessoas. Isso acaba..., que foi criando assim, mas que hoje eu sou dos dois [risos].

F.M. – E, e, porque também, também lendo outras coisas, né, e conversando com, com outras pessoas, e aí pensando bem o que você falou, né, nessas festas que a gente vê a colônia promovendo, por exemplo, é as festas que o Centro Cultural lá promove, né, em Campos do Jordão todo mês de Junho tem festa da Cerejeira e você percebe, é, é, é, que os japoneses, os japoneses..., é aberto né, pra brasileiro que quiser ir. Inclusive, quando eu posso eu frequento, por causa da pesquisa, porque tenho interesse, acho bacana e tal, mas [telefone tocou] Então, e aí você percebe que tem essas pessoas da colônia, né, nessa faixa de idade 50, 60 anos, né, mais..., até 70 anos, bem velhinhos frequentam essas festas e, e também é comum, nesse sentido, pessoas que quando saem do Japão pra cá, chegarem a conclusão de que ah, a colônia japonesa preserva coisas aqui no Brasil que no Japão não existem mais...

Z.T. – Humrum.

F.M. – ...é, por exemplo, essa questão da festa da Cerejeira é um bom exemplo, né... É difícil você ter esta festa lá e, e, e você teve recentemente no Japão, né. Então como é que foi a sua experiência. Quê que você viu de japonês no Japão de fato e o quê que você viu que, pô, isso parece São Paulo?

Z.T. – Existe muito isso daí mesmo. Não tem festa, a festa..., não é que é uma festa, entendeu?

F.M. – Humrum.

Z.T. – Então, o clima é todo uma... se vai, vai todo mundo ver cerejeira ali, vi fazer piquenique, entendeu?

F.M. – Humrum.

Z.T. – Num é uma festa assim. E aqui, assim, o pessoal prega, eu sou japonês.

F.M. – Humrum.

Z.T. – É que lá tá implícito sou japonês. [risos] E, e lá você viu agora hoje, né, pelo menos com a cara, a face, né. Você vê uma grande receptividade pros outros povos.

F.M. – Hum.

Z.T. – Aqui não. Não é isso que você vê. É isso que você falou, preserva muito aquele negócio de eu sou japonês, não quero que ninguém faz as coisas [risos]. Isso é uma coisa que ta na história né.

F.M. – Por exemplo, se eu quiser entrevistar um japonês hoje, lá, talvez seja mais..., tipo..., vamos supor que não existisse a barreira da língua, né. Que a língua não fosse um problema. Se eu, eu chegando lá, ocidental se eu fosse..., se eu pudesse entrevista um japonês eu teria muito mais facilidade do que se eu fosse lá no Centro da Cultura entrevistar um japonês nascido.

Z.T. – Muito mais fácil. Muito mais fácil. Aqui normalmente, né, que eu tô falando também não é nada empírico aí, mas...

F.M. – É. Eu tive assim..., eu perguntei porque fui fazer alguma..., pedir algumas informações dentro do Centro Cultural e eles falaram que: “eu não posso ajudar”. “Tem aula de kendo”. Mas, “ah, eu queria saber um pouco da relação das artes marciais na cultura japonesa, será que você poderia me falar”? “Ah, não aqui num tem nada disso não”.

Z.T. – Meio, meio te olharam torto, não vão facilitar, eu também tenho, eles comentam também que eu não sou...

F.M. – Existe um preconceito? Você vive um pouco o preconceito?

Z.T. – Eu vivi bastante já.

F.M. – Ah é?

Z.T. – Inclusive lá dentro do Kendo um tempo atrás, né. Quando a gente começou. Mas existe lados que você num vai...

F.M. – É, porque você quase, quase que num é japonês. Tem horas que passa despercebido.

Z.T. – Exatamente, mas teve problema lá.

F.M. – Mesmo com nome, a hora que viam o nome, o pessoal ainda dava uma...

Z.T. – É, não, mas mesmo assim teve problema. Porque aqui o pessoal quer casar com japonês, é aquele negócio, é impuro. Não tem essa [risos], né. E hoje por exemplo, é muito mais fácil chegar indicado.

F.M. – Ah.

Z.T. – Qualquer lugar, mas assim...

F.M. – Por exemplo, se eu quiser fazer kendo, se eu chegar com você, “Óh, esse aqui é o Felipe., é um amigo meu, professor de Educação Física também, tá muito interessado em praticar o kendo”...

Z.T. – É.

F.M. – ...é diferente se eu chegar lá, bater e “Óh, quero fazer kendo”.

Z.T. – É. Se chegar indicado, bem melhor. Agora, em todas as culturas se você chega indicado é bem melhor. No Japão também existe isso. Você seria indicado, né, você tem passe livre.

F.M. – Humrum.

Z.T. – Conseguir ter um passe..., você precisa ter um passe livre pras pessoas te aceitarem, agora o que você vai conseguir dentro... você tem que conseguir... Lá no Japão é assim, você tem que conseguir com seu punho.

F.M. – Seu esforço.

Z.T. – É, seu esforço. Aqui, é aquele negócio, se for japonês você tá dentro..., não tem aquela coisa, se eu indicá-lo.

F.M. – Agora, se eu for japonês mesmo e chegar lá e tiver, né, o semblante, mostrar que eu sou japonês, tenho nome, tenho família, tudo entra normal? Facilita?

Z.T. – Capaz de te tratar bem. “Ah, porque...”.

F.M. – É, e pergunta quem é seu pai, quem é seu avô...

Z.T. – É, é.

F.M. – “Ah, conheço e tal”.

Z.T. – Lá no Japão é diferente, né. Ele trata muito melhor o estrangeiro do que o próprio japonês.

F.M. – O que também não é tão legal, né?

Z.T. – É [risos]. Não, mas é mais rígido. Então, agora o pessoal do Museu do Japonês sabem que as culturas são diferentes. Não pode, não pode exigir, tá muito melhor esse meio, sabe? Que eles não podem exigir que eles façam as mesmas coisas que um japonês faz em termos de relacionamento, de cultura, é, é, social, essas coisas. Não posso exigir dos estrangeiros, que não sabe como a gente vive, eu não sei como eles vivem também, né. Tem, tem isso. Agora o japonês que é japonês sabe. Saiu da regra [risos]

F.M. – Ah tá.

Z.T. – [Risos] Né.

F.M. – Então com você..., você tinha essa exigência?

Z.T. – Tem. Não, eu não tinha essa exigência.

F.M. – então pra você foi legal?

Z.T. – Foi legal. [fim do lado A] Eles me tratavam bem, não exigiam, mas eu fazia, também. Porque eu sei. Aquele negócio, eu, eu entendo, então obvio que eu não vou ser igual japonês [risos] mas eu fazia também porque é um jeito de demonstrar respeito também, né.

F.M. – Humrum.

Z.T. – Não faz sentido eu saber e não fazer, né. Já que eu sei, eu vou fazer, né. É bem assim.

F.M. – Então pra você apesar de eles não exigirem é até legal, “pô, ele sabe, ele faz”.

Z.T. – É. É. E também dentro desse negócio de quem faz, quem faz kendo o, o princípio, né, né. O nosso princípio se..., é muito legal isso. Isso tem, não só no, no oriental, mas pra tudo. Se eu sei que tá contando uma coisa que eu posso mudar, não faz sentido eu não mudar.

F.M. – Humrum.

Z.T. – Entendeu? Não faz sentido eu...

F.M. – Não tem como eu ficar de braços cruzados se eu tenho uma coisa pra fazer pra ajudar.

Z.T. – Exatamente. Não faz sentido. Se vai melhorar, né, é claro que eu não vou me meter em tudo quanto é coisa dos outros.

F.M. – Sim, sim.

Z.T. – Mas é uma coisa assim, né, se eu sei que posso melhorar, porque que eu não vou melhorar? Não faz sentido. No kendo é isso, não faz sentido você ficar de braços cruzados e...

F.M. – É, isso acontece um pouco, não sei, não sei da onde que surgiu um pouco isso, mas o povo brasileiro tem essa, essa mentalidade, né, não é comigo, não sei. Não vou me meter, não tenho nada com isso.

Z.T. – Exatamente.

F.M. – Isso não me diz respeito.

Z.T. – Isso é da cultura japonesa de, todo mundo fica abismado com o Japão, que você vai lá, se você precisa de alguma ajuda, você vai perguntar uma informação, de vez em quando a pessoa na loja, sai da sua loja, sai da loja e vai te levar até o lugar se for perto.

F.M. – Hum.

Z.T. – Pra te ajudar, entendeu? Vai, segue aqui e vai embora, né, se for distante o caminho.

F.M. – Mas, talvez isso nas cidades menores, né? Acho que em Tóquio esse ritmo é um pouco diferente.

Z.T. – Tem em Tóquio, porque eu estava em Tóquio. Nas menores é muito mais. Agora, você vai naquele lugares muito grande, tem aquele negócio, você pode ser tratado, ser tratado mau também. Existe né. Não é que todo mundo é tratado bonzinho lá. Quanto maior a cidade acontece, né. Aconteceu por exemplo lá, um fato que aconteceu no restaurante lá que tava tão cheio que as... não tavam dando conta, primeiro dia que eu fui tratou super mau. Na hora ali, né, eu levantei e beleza. Como se fosse um, um, um japonês de, não digo de interior...

F.M. – Tem, tem um pouco do, da questão do brasileiro também, o brasileiro não espera, né. Enquanto o oriental, uma coisa que eu sei, é assim, se ele ta conversando com alguém, você tem que esperar a sua vez...

Z.T. – É, esperar.

F.M. – ...esperar terminar a conversa. E o brasileiro chega e atravessa a conversa...

Z.T. – É [risos].

F.M. – ...pra pedir o que ele quer. Então, isso aí é extremamente ofensivo...

Z.T. – É.

F.M. – ...pra qualquer oriental [risos].

Z.T. – Exatamente. E, tá, cê vai lá pro Japão, você vê muito negócio em todo ocidente também. Então aí, tava acontecendo mau trato..., num é, num é regra. Se sabe que, presta atenção [risos], mas no geral todo mundo que ia lá, volta e: “Nossa como eles são atenciosas”.

F.M. – E, e, e tem um pouco disso aí, da, da, do contrário assim, a pessoa que vai daqui pra lá se achar peixe fora d’água, por exemplo? Japonês que mantém as tradições aqui vai pra lá e se sente meio deslocado?

Z.T. – Japonês não. Japonês, japonês?

F.M. – É. Tranquilo né?

Z.T. – Na verdade não. É até meio perigoso porque japonês japonês daqui mesmo que vai pra lá, você vai lá, japonês vai se, se identificar como japonês, vai se cobrar tudo como se fosse um japonês [risos], né. É complicado.

F.M. – Você não foi tão cobrado?

Z.T. – Eu não fui tão cobrado.

F.M. – Mas você se sentiu, assim, você tem uma experiência de quando você era mais jovem, né, e voltou agora. Ficou lá um tempo e você se sentiu..., você sentiu um pouco assim dificuldade de transitar na cultura ou coisa do tipo, ou não?

Z.T. – As sociedades em si é diferente daqui da brasileira. Lá, relacionamento é diferente. É diferente. Por isso que o pessoal..., o Brasil é um lugar aberto...

F.M. – Humrum.

Z.T. – ...principalmente fora. Lá todo mundo é mais fechado. Que nem sensei falou, né, fazer amigo aqui no Brasil é facinho...

F.M. – Humrum.

Z.T. – ...lá no Japão é difícil. É exatamente isso. É difícil mesmo dentro da onde eu tava treinando lá na Universidade, pra criar vínculo com alguém é complicado. Precisa, precisa, se for colocar em tempo vai, aqui no Brasil você vai e pá, 3 dias você tá falando logo..., você tá numa boa.

F.M. – Sim...essa, esse diálogo aberto que a gente tá tendo, a gente vê..., a gente, antes dessa entrevista, a gente tinha conversado o que? Duas três vezes, né?

Z.T. – É.

F.M. – Tamo conversando bem. Você tava me contando detalhe da sua vida que normalmente eu não sei se no Japão seria a mesma coisa.

Z.T. – Exatamente. Não tem aquele negócio... que nem lá com o Thiago. E aí? Beleza, tal pá...

F.M. – Humrum.

Z.T. – ...aí já vai conversando em dois dias. ... vai demorar, vai demorar um mês pra você conseguir uma coisa parecida [risos].

F.M. – Pra fazer amigos é mais demorado então?

Z.T. – É. Isso reflete, né, é tudo assim. Então três meses é pouco pra você entrar numa cultura. Se encaixar lá. Uns 3 meses, agora que eu tô começando a entrar no Dan da Koyoban [palavra inaudível].

F.M. – ...?

Z.T. – É ... Começando a entrar, né. Ideal que se eu fosse querer ficar com patrina, com patrino, você recebe relacionamento bom. Não esse exame.

F.M. – Então, mas e..., essa experiência sua, você foi lá pra treinar Kendo?

Z.T. – Pra treinar.

F.M. – Então a qualidade..., hoje, você avaliando você, você percebe que a qualidade do seu treino teria sido, só teria sido assim, teria sido bem melhor se você tivesse ficado mais de um ano lá? Não só pelo tempo mas pela própria, pelo condicionamento?

Z.T. – Não, não. Qualidade até que não. Vários fatores aí né, qualidade acho que aqui não. Talvez não. Porque que também tem, tem esse negócio assim, mas eles, esse negócio do Kendo, eles não se fecham pra te passar. Eu vou fechar, eu não vou...

F.M. – Tudo bem. Então em termos de técnica, em termos de técnica?

Z.T. – É até legal, porque assim, tem muita gente também que era estranho, não era japones, tava treinando junto lá.

F.M. – Tinham mais pessoas na mesma condição que você lá?

Z.T. – Não. Na minha excursão eu era o único. Vinha, vem sempre um ou dois, assim a cada um ou dois anos. Mas eu era o único nessa ocasião. Mas foi até legal porque tinha gente que aceitava bem, treinava muito bem, tinha gente que não aceitava muito bem. Tinha uns cara que eram bom que não aceitavam muito, né. Todo mundo começou a treinar os cara que era bom, era meio difícil mas aí, porque não era não era cheio de qualidade? Porque aí eu fui atrás treinei pra caramba, mas pra ir com um cara bom e ficar mais ou menos no nível, vai.

F.M. – Dá, dá, dá uma briga, não ser uma surra né [risos].

Z.T. – Exatamente. [risos] Aí, né, pá..., o cara, o cara descobrir e acorda assim, sabe? É legal pra caramba. Ele vai atrás, você vai, tipo, vai atrás do cara.

F.M. – Passam a te respeitar?

Z.T. – É, tem tudo isso. Por isso que em qualidade uma coisa pode ser ruim mas se você administrar bem pode ser uma coisa boa, super boa, né? O cara se curvou porque ele tipo..., porque eu fui atrás cheguei lá os caras [risos], né, mas tinha..., uma coisa que também ajuda a resolver..., tem vários..., alguns sensei que já vieram pro Brasil, ficaram aqui e foram contatos, né, que nem eu te falei, antes de ir pro congresso. Então muitos professores eram senseis, moravam um ou dois anos já no Brasil. Só um ou dois, mas entra em contato com a cultura, porque não é todo professor que vem pra cidade...

F.M. – Normalmente já tem uma abertura maior?

Z.T. – Exatamente. Quando... também, eles ajudam bastante. Você conhece outra cultura. Se o cara..., chega um brasileiro o cara éh [faz sinal]...[risos]

Z.T. – Porque eles já sabem que podem sair da..., um pouquinho da regra com o professor e já fica mais tranquilo. É super engraçado isso.

F.M. – Pra eles também acaba sendo um momento de relaxamento?

Z.T. – Exatamente. Todo mundo queria vir pro Brasil,... tem aquele negócio de manter... de fazer... “eu vou fazer o meu kendo primeiro aqui, depois eu vou pro Brasil”. [risos]. Mas isso foi com todos. A qualidade foi ótima. Mais tempo? Num sei, dá até pra aumentar a qualidade mas pelo menos assim eu não digo que foi...

F.M. – Então, mas aí o que faltou foi a qualidade de, de relação. Assim, treino bacana, mas ele não é seu..., não é propriamente seu amigo, ele não vai te chamar pra sair...

Z.T. – É.

F.M. – ...vai na sua casa...

Z.T. – Exatamente.

F.M. – ...como seria comum aqui no Brasil.

Z.T. – É. É mais complicado. Aí você vai ficando mais no ritmo do...

F.M. – Pela convivência.

[FINAL DA ENTREVISTA]